

Equilíbrio das contas externas ainda preocupa

Diretor da Cepal pede cautela do mercado em relação ao influxo de capitais
WILLIAM SALASAR

A economia brasileira chega ao sexto ano de estabilização com francas perspectivas de retomada do crescimento neste e nos próximos anos. Mas persiste certa intranquilidade com as contas externas, cujo equilíbrio recente dependeu muito da entrada de investimento estrangeiro, somada à captação de empréstimos externos.

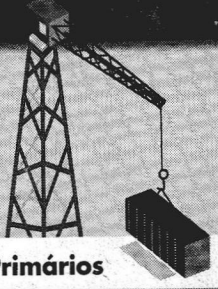
Vêm daí os temores em relação às consequências de um ajuste brusco da economia norte-americana, particularmente uma interrupção do fluxo de capitais, que financiam um déficit na conta de transações correntes de 4% do PIB. Afinal, embora saudáveis, os investimentos diretos que cobrem o déficit também podem diminuir. Há pouco tempo, o Brasil atraía menos de US\$ 5 bilhões por ano em investimentos diretos e, em alguns momentos, esses investimentos quase sumiram, como de 1989 a 1991, com políticas econômicas desastrosas.

Por isso, Renato Baumann, professor do Departamento de Economia da Universidade Nacional de Brasília e diretor do escritório da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) no Brasil, sustenta que esse influxo de capitais – de investimento ou de empréstimo – não deve ser considerado condição suficiente para o equilíbrio das contas externas no longo prazo, até por ser justamente no longo prazo que os juros dessa dívida e as remessas de lucros e dividendos do capital investido imporão novos ônus às contas externas.

“Uma perspectiva de ajuste do cenário internacional sugere que a aposta em assegurar uma receita de dólares, líquida, positiva e estável deveria ser feita de maneira mais decidida”, diz. “Assim, ganha importância buscar uma trajetória mais sustentável de geração de divisas”, ressalta. Ou seja, “é preciso assegurar um desempenho exportador sustentável”.

Mesmo considerando que a economia brasileira tem entre 80% e 90% de seu dinamismo associado ao mercado interno, desequilíbrios nas contas externas podem

tornar inviável até um crescimento centrado nas vendas internas. Primeiro, porque o parque produtivo nacional ficou muito mais dependente de importações do que já foi. O coeficiente de penetração de importações, a parcela de produto importado num produto feito aqui, para consumo local ou venda no exterior, foi de 4,5% em 1989, pa-

PAUTA EXTERNA								
	Composição das exportações - em %							
	Brasil		México		América do Sul sem o Brasil		Total América Latina e Caribe	
	1988	1998	1988	1998	1988	1998	1988	1998
Primários	18,8	19,6	42,9	10,0	44,0	40,4	35,5	22,9
Agrícolas	12,2	12,4	10,7	4,1	20,9	20,3	17,2	12,3
Mineração	6,5	7,2	2,8	0,4	5,2	4,2	4,9	3,0
Energéticos	0,0	0,0	29,4	5,5	17,9	15,8	13,4	7,6
Industrializados	80,1	79,2	56,7	89,9	55,6	57,8	63,9	76,2
Tradicionalis	29,2	28,9	10,8	20,0	20,0	21,3	21,3	22,6
Alimentos, bebidas e fumo	16,6	16,3	3,9	2,3	11,8	12,3	11,8	8,7
Outros tradicionais	12,6	12,6	6,8	17,7	8,1	9,0	9,5	13,9
Produtos intensivos em recursos naturais e em economias de escala*	31,5	24,1	20,6	8,3	33,1	27,6	29,5	18,1
Bens duráveis de uso final**	8,7	10,7	10,2	24,0	0,8	5,1	5,4	14,2
Produtos difusores de progresso técnico***	10,8	15,5	15,1	37,6	1,8	3,8	7,7	21,4
Outros produtos	0,8	1,2	0,3	0,1	0,4	1,8	0,5	0,9
Total	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Cepal (2000), Equidad, Desarrollo y Ciudadanía
* Productos petroquímicos, papel, cemento e metais básicos
** Artigos eletroeletrônicos e veículos
*** Maquinaria, instrumentos e química fina

AINDA SOBRAM ENTRAVES À EXPORTAÇÃO

ceto o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). “Há coisas que a gente, estruturalmente, não tem, como um mercado de capitais eficiente”, lembra o professor.

Baumann assinala que um desempenho exportador sustentado exige capacidade produtiva disponível para atender simultaneamente à de-

ra 19,3% em 1998, caindo para 15,7% em 1999.

Carência – Em segundo lugar, inexistente fonte de financiamento de médio e longo prazos, ex-

manda externa e à interna, que tem apresentado sinais de aquecimento. Algumas estimativas apontam uma ociosidade de 15% a 19% na indústria. Mas não fica claro até quando se poderá contar com essa margem de manobra, sem ampliações significativas da capacidade produtiva, e como – considerando as projeções que indicam uma retomada do ritmo de atividade econômica – promover essa ampliação num contexto de limitação de crédito, com taxas de juros elevadas.

Além disso, uma composição adequada da pauta exportadora é indispensável para um desempenho exportador sustentado. Baumann faz questão de notar que a

noção de produtos dinâmicos no mercado internacional não significa só produtos de alta tecnologia ou maior valor adicionado, pois há nichos dinâmicos em boa parte dos setores.

“Isso significa que não se pode desprezar as exportações de commodities”, adverte. Ele lembra ainda que, apesar da participação de produtos intensivos em recursos naturais na pauta de exportações brasileira, mais de três quartos delas são de produtos industrializados, cujo desempenho depende de preços relativos favoráveis, mas sobretudo de financiamento, competitividade na produção e relações fornecedor/comprador.

Cenário – Assim, no cenário atual da economia brasileira, esse projeto exportador esbarra numa série de obstáculos, da necessidade de ampliar a capacidade de oferta de produtos exportáveis, a incluir o mercado externo nas prioridades das empresas. E sua agenda reúne temas que transcendem a discussão específica da política em relação àquele setor, como as distorções introduzidas pela política fiscal.

Exemplo flagrante dessas distorções: os produtos importados não pagam a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins), enquanto seu similar nacional é onerado pelo tributo, o que representa um estímulo ao consumo do primeiro. Contudo, Baumann enfatiza que não é o caso de replicar o modelo dos anos 80, em que um Estado intervencionista prodigalizava transferências elevadas de renda real a setores privilegiados. “Ações de comprovado impacto que sejam consistentes com as regras de mercado, porque não se pode mais seguir o modelo antigo”, diz ele. “Hoje em dia, não dá para ficar sem exportar”, arremata.